

desfalecimento ou até decadência do intelecto. É esta a situação da generalidade dos burgueses alemães.

III. Todas as relações humanas mais próximas sofrem de uma simplicidade penetrante e quase insuportável, à qual mal conseguem resistir. Pois, na medida em que, por um lado se venera o dinheiro, que se acha no centro de todos os interesses da vida, por outro é precisamente esta a barreira ante a qual quase todas as relações humanas falham; cada vez desaparecem mais a confiança espontânea, a tranquilidade e a saúde, tanto no plano natural como no da ética.

IV. Não é por mero acaso que é costume referir a miséria como «nudez». O que há de mais funesto na sua exibição — que, sob o imperativo da miséria, começou a tornar-se habitual e todavia mostra apenas um milonésimo do que está oculto — é o facto de aquilo que é despertado no observador, não ser a compaixão ou a imediata e tremenda consciência da própria imunidade, mas sim a sua vergonha. É impossível viver numa grande cidade alemã onde a fome força os mais miseráveis a viver das notas com que os que passam procuram cobrir a nudez que os fere.

V. «Pobreza não é desonra». É inteiramente certo. E, no entanto, desprezam os pobres. Fazem-no, e consolam-nos com o provérbio. Este é dos que em tempos podiam ser válidos, mas cujo fim há muito chegou. Exactamente como aquele brutal «Quem não trabaça, não manduca». Quando havia trabalho que alimentava o homem que o fazia, havia pobreza que não o envergonhava, se ela o atingia por más colheitas ou qualquer outra facilidade. Mas é de facto aviltante este passar fome, este ter nascido em meio de milhões, ser enredado por centenas de milhares que caem na pobreza. O esterco e a miséria erguem-se em seu redor como muros erguidos por mãos invisíveis. E tal

como cada um pode suportar muito por si só mas sente justificada vergonha se a sua mulher lho vê suportar, mesmo que ela o aceite, assim cada um pode suportar muito enquanto for só, e suportar tudo enquanto puder ocultá-lo. Mas nunca poderá firmar a paz com a pobreza, quando esta lança uma sombra gigantesca sobre o seu povo e a sua casa. Então, deverá manter os sentidos despertos para toda a humilhação que sobre eles recaia, e mantê-los alerta, até que o seu sofrimento não percorra já as descendentes ruas da amargura, mas o ascendente trilho da revolta. Mas aqui nada há a esperar, enquanto cada destino terrível e obscuro for discutido diariamente, mesmo de hora a hora, pela imprensa, apresentado em todas as suas causas fictícias e consequências falsas, sem que ninguém contribua para o reconhecimento dos sombrios poderes a que a sua vida passou a estar submetida.

VI. Para o estrangeiro que siga por alto a configuração da vida alemã ou viajou mesmo por breve tempo através do país, os seus habitantes não parecem menos estranhos que qualquer povo exótico. Um francês espirituoso afirmou: «Só muito raramente um alemão se compreenderá a si mesmo. Mas se acaso vier a compreender-se, não o dirá. Se todavia o disser, não se fará compreender.» Este distanciamento desesperante foi acentuado pela guerra, mas não só pelos actos vergonhosos, verdadeiros e falsos, que se contaram acerca dos alemães. Aquilo que torna efectivo o isolamento grotesco aos olhos dos outros europeus, o que, no fundo, lhes cria a sensação de, ao lidar com os alemães, estarem a tratar com hotentotes (como alguém disse muito correctamente), é o poder, inteiramente incompreensível para os estranhos e absolutamente inconsciente para os que por ele são dominados, através do qual as condições de vida, a miséria e a estupidez submetem aqui as pessoas às forças da sociedade, tal como acontece com a vida de um qualquer homem primitivo, determinada pelas leis do clã. O